

EDUCAÇÃO NUTRICIONAL

A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola: um olhar sob a perspectiva da comunidade escolar

RODRIGUES¹, L.B.; LIMA², J.M.; LIMA³, M.R.C.

, SP. Líder do Grupo de Pesquisa: Cultura Corporal: saberes e fazeres; ¹Pós-graduando do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), UNESP, Presidente Prudente, SP. livia.bernardes.rodrigues@gmail.com

²Livre Docente no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT – Unesp, Campus de Presidente Prudente coordena o Centro de Estudo e Pesquisa em educação ludicidade, infância e juventude.

³Livre Docente do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT – Unesp, Campus de Presidente Prudente, SP.

Introdução: A obesidade infantil é, atualmente, considerada uma crise mundial devido ao impacto negativo ocasionado na qualidade de vida das crianças. Assim, é preciso que atitudes sejam tomadas no sentido de aplicação de práticas pedagógicas que colaborem com a transformação do cenário atual. Ao ser inserida no ambiente escolar, a criança vai estabelecer seu primeiro contato com refeições fora de casa. Esse contato, normalmente expõe a criança a alimentos que, até então, não faziam parte de suas refeições diárias, o que pode gerar rejeição por determinados alimentos e atração por outros. Sabendo disso e levando em consideração que a escola é um espaço bastante significativo e privilegiado e que influencia diretamente a promoção da saúde, ela torna-se um veículo fundamental na formação de valores, hábitos e estilos de vida, entre eles o da alimentação, que se estenderá pelo resto da vida. Deve ainda proporcionar um ambiente favorável à vivência de saberes e sabores, contribuindo para a construção de uma relação saudável do educando com o alimento. Por esse motivo, trabalhar a educação nutricional no ambiente escolar dentro dos contextos das culturas da infância é fundamental para estimular a formação de hábitos alimentares saudáveis. Vale ressaltar que a infância é a melhor fase para modificar hábitos alimentares incorretos com sucesso, devido à grande facilidade em assimilar, seguir exemplos e desenvolver atitudes. **Objetivo:** Avaliar o conhecimento da comunidade escolar (gestores, professores, educadores, merendeiras e equipe de limpeza) acerca da temática alimentação e como eles veem o processo de educação alimentar e nutricional (EAN) dentro da escola e qual a sua responsabilidade e/ou contribuição para a promoção da EAN. **Métodos:** Aplicação de entrevista semi-estruturada com a comunidade escolar de uma Escola de Educação Infantil do interior do Estado de São Paulo. Foram entrevistados 24 colaboradores dos 26 ativos na instituição – 2 professoras encontravam-se afastadas por doença durante o período das entrevistas. As entrevistas foram gravadas e os áudios transcritos para a realização da análise das respostas e formulação dos resultados. **Resultados:** Quando questionados acerca do que é uma alimentação saudável, toda a comunidade escolar direcionou sua resposta para “comer o que nos faz bem”, “comer o que nutre”. Já quando o questionamento foi “Você se preocupa com sua alimentação?” a maioria deles colocou que, embora reconheça o que é uma boa alimentação, não a faz devido a falta de tempo. Em relação à alimentação das crianças frequentadoras da instituição de ensino em que lecionam e/ou trabalham, todos colocaram que, embora a refeição oferecida seja de qualidade, as crianças não aceitam bem o alimento oferecido e colocam que, sua

responsabilidade quanto professores e/ou colaboradores é apenas oferecer o alimento no momento das refeições. Todos os professores frisaram que não podem obrigar as crianças a comerem. **Conclusão:** Os resultados da pesquisa evidenciam que na comunidade escolar avaliada há um grande equívoco no que tange a EAN. Promover a EAN no chão da escola vai muito além de apenas ofertar e oferecer as crianças um alimento de qualidade. Tal fato não garante a aceitação da comida pela criança. É preciso ir além. É preciso reconhecer a EAN como uma disciplina pertencente ao currículo da Educação Infantil e, a partir disso, trabalhar práticas pedagógicas dentro da temática que sejam significativas para as crianças e, assim, promover de fato transformação na realidade alimentar das crianças.

“Comida de verdade” e alimentação infantil na contemporaneidade: um distanciamento latente

RODRIGUES¹, L.B.; LIMA², J.M.; LIMA³, M.R.C.

¹ Pós-graduando- Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), UNESP, Presidente Prudente, SP. Livia.bernardes.rodrigues@gmail.com

²Livre Docente no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT – Unesp, Campus de Presidente Prudente, SP. Líder do Grupo de Pesquisa: Cultura Corporal: saberes e fazeres; coordena o Centro de Estudo e Pesquisa em educação ludicidade, infância e juventude.

³Livre Docente do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT – Unesp, Campus de Presidente Prudente, SP.

Introdução: Atualmente, em função de pesquisas realizadas nas duas últimas décadas, estamos passando por um momento de transformação social que engloba grandes mudanças no padrão de saúde e consumo alimentar na infância. Ao avaliarmos as consequências de tais mudanças, nos deparamos com dados preocupantes. A obesidade infantil é amplamente considerada uma crise mundial, não somente devido aos efeitos psicológicos prejudiciais, mas também pelo impacto negativo na qualidade de vida. Como pano de fundo deste cenário tem-se a globalização da infância. De cunho social, político e econômico, esse fenômeno tende em colocar a criança como alvo das políticas de mercado – consumo – uma vez que as vê como consumidores em potencial. Além disso, pratica a generalização da infância, ou seja, afirma que há uma só infância no espaço mundial – em todos os cantos a infância partilha dos mesmos gostos, sejam eles brinquedos, roupas, alimentos. Dessa maneira, reforça-se a tendência em substituir a alimentação tradicional pela alimentação industrializada culminando no cenário alimentar contemporâneo. A infância vive um tempo de distanciamento entre “comida de verdade” e “alimento”. **Objetivo:** Avaliar o (re)conhecimento de alimentos *in natura* por crianças frequentadoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil do interior do Estado de São Paulo. **Métodos:** As crianças foram submetidas, individualmente, a uma atividade de (re)conhecimento dos alimentos – foram apresentadas para elas imagens de 22 alimentos diferentes pertencentes a diferentes culturas alimentares – abacate, abacaxi, abóbora, moranga, abobrinha, alho poró, batata doce, beterraba, cenoura, cereja, chicória, chuchu, framboesa, graviola, inhame, kiwi, maçã, manjeriço, melancia, melão, milho, morango e romã. Ao ver a imagem do alimento, a criança podia livremente observar, tocar, pensar a fim de realizar o reconhecimento. O alimento foi considerado “reconhecido” quando a criança pronunciava o nome do mesmo. **Resultados:** Realizaram a atividade 81 (88%) crianças de um total de 92 crianças matriculadas. Os únicos alimentos que as crianças reconheceram em unanimidade foi a cenoura e o morango. Alimentos como a abobrinha, a beterraba e o chuchu que sempre fizeram parte da alimentação tradicional, além de pertencerem à cultura alimentar do Brasil apresentaram baixos índices de reconhecimento (6,17%, 14,81% e 13,58%, respectivamente). Ao se depararem com a imagem da chicória e do manjeriço (0% e 1,23% de reconhecimento, respectivamente), a maior parte das crianças descreviam esses alimentos

como “folha” e/ou “alface”, demonstrando o quão limitado encontra-se sua cultura alimentar no que tange os vegetais folhosos. **Conclusão:** A globalização da infância tende a padronizar os hábitos alimentares das crianças em todo o mundo, ou seja, em qualquer parte do mundo o “alimento” oferecido é o mesmo. Isso promove e acelera o distanciamento das crianças de suas culturas alimentares locais e, conseqüentemente, do “alimento de verdade”, da alimentação tradicional. Diante disso, é preciso que nutrição e educação se articulem a fim de promover a Educação Alimentar e Nutricional em locais que atendem crianças a fim de iniciar uma mobilização positiva deste cenário.

“É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?”: a comensalidade nas Crônicas de Rubem Braga.

GONZALEZ¹, A.B.; OLIVEIRA², J.M.

¹ Aluno em especialização- Aprimoramento em Nutrição Clínica e Nutrição em Saúde Pública, FCM, UNESP, Botucatu, SP. ana_biagon@hotmail.com

², Docente Faculdade de Ciências Aplicadas, UNICAMP, Limeira, SP. Doutora em Nutrição em Saúde Pública

Introdução: Algumas obras da literatura revelam de forma interessante o diálogo entre a escrita com as expressões culturais, como a alimentação, a comida e o comer, pois há a menção de sentimentos envolvidos no processo de cultivo, de seleção alimentar, de preparo de refeições, de partilha e das relações sociais, tornando-se motes para um entendimento ampliado do comer e da comida. Entende-se a comensalidade como representação das relações sociais com outras pessoas, um acontecimento, um momento de compartilhar sentimentos, em volta da comida. Nas Obras de Rubem Braga a comensalidade é relevante e carece ser preservada, resgatada e compreendida. **Objetivo:** Aprender os sentidos do comer e da comida nas crônicas de Rubem Braga, especialmente no que tange à comensalidade. **Métodos:** Foram lidos 14 livros de crônicas de autoria de Rubem Braga e selecionadas 06 crônicas, que continham trechos explícitos sobre a comensalidade. Dessas, foi realizada uma interpretação, com o intuito de captar o que foi descrito e vivenciado por Braga como a comensalidade. Para o presente trabalho elegeu-se uma crônica para análise. As análises foram realizadas com amparo em referenciais teóricos das Ciências Humanas e Sociais. **Resultados:** Na crônica *Passeio a Infância*, se destaca alguns trechos referente a comensalidade, como: *"Converta- se bela mulher estranha numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela? (...) Agora são três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de fruta pão assada com manteiga? Eu lhe dou aipim ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco."* Ao se deparar com uma mulher estranha, desconhecida, o autor propõe a ela uma odisséia por memórias de sua infância. Dentre convites para brincadeiras, passeios e peripécias, Rubem Braga oferece comida, revela possíveis transgressões dos bons modos à mesa, como comer o angu que ficou no fundo de uma panela. Questiona ainda, o que seria do gosto da menina-mulher: “fruta-pão com manteiga” e “aipim quente com melado”. Fica revelado o receio de um distanciamento, de um amor impossível, ao se colocar em situação menos privilegiada quando comparado à menina rica. No receio revelado na crônica *Passeio a Infância* há uma menina rica que talvez não goste de comida de pobre, o doce de abóbora e coco, e que não iria gostar, conseqüentemente, do menino que oferece a sobremesa. Uma diferença social revelada no comer que impossibilitaria dessa forma, a relação amorosa, sendo assim, a comensalidade reflete as distinções sociais. Ademais, a busca por um passeio na infância seja a saída para um desejo, um amor não realizável. A tentativa de

trazê-la para as memórias das idades tenras se torna uma forma de guardá-la, de eternizá-la, mas esse plano pode falhar quando se depara com a distância que está impressa, revelada na e pela comida. **Conclusão:** Nas crônicas de Rubem Braga, a comensalidade está constantemente descrita e valorizada. A compreensão de tais aspectos é de grande importância para a construção de um entendimento ampliado das relações sociais mediadas pelo comer e pela comida, para além de aspectos biológicos.

Apoio financeiro: PIBIC - CNPq (bolsa de iniciação científica).